

Por uma retórica da práxis

“Se deixamos de dar à palavra ‘semelhança’ o sentido vago e, de alguma maneira, popular em que a tomamos de início, se tentamos precisar o sentido de ‘semelhança’ através de uma comparação com a ‘identidade’, concluiremos, creio, que a identidade refere-se ao geométrico e a semelhança ao vital.”

Bergson

Numa dessas insônias a que todos somos acometidos nos verões atípicos, ficamos tentados a vagar pela Internet vasculhando o que estava sendo produzido pela literatura homeopática. Primeiro há que colocar filtros contra o “valeduto” que se encontra sob a palavra-chave “homeopatia”. Já hábeis na esquivia, abrimos as portas e nos deixamos levar pelo fluxo do labirinto da web, o hábito mais notívago e viciante que a tecnologia já inventou.

O saldo daquela insônia? Além de um dia seguinte de rendimento duvidoso, o que se constatou foi uma enorme variedade de publicações voltadas para a prática. A esmagadora maioria livros e textos direciona o público à prescrição fácil, buscando demonstrar quão simples é condensar a prática sob a forma de uma receita.

Ensaíamos duas possíveis leituras para o fenômeno: euforia e depressão. Euforia para aqueles que julgam que a simplicidade é um desdobramento do reducionismo. Depressão para aqueles que buscaram compreender a prática como um difícil parto – ainda em período de expulsão – de várias gerações de comentaristas de Hahnemann.

E como chegamos a isso? Ou seja, por que os guias de referência rápida fazem tamanho sucesso, enchendo os olhos dos editores? E seu sucesso, isso não é segredo, não se dá só entre os leigos. Mas o que eu me perguntava é: por que os livros de teoria homeopática estão condenados previamente ao malogro? Será que chegamos a tal grau de maturidade que já se pode prescindir das discussões teóricas? Não é bem assim. Estamos, por sinal, bem longe disso. Não havendo ciência acabada – pois a ciência se caracteriza precisamente pela continuidade da retificação de seus programas – a homeopatia não é, e não deve ser, exceção à norma.

O trabalho mal começou; ainda teremos que alimentar muitas desordens e acirrar nossas contradições para elevar a tensão do debate, direcionando-o para o campo das idéias. Os resultados? Não sabemos. Apenas achamos que esta é a única saída para escapar do enredo circular que nos foi legado. Mas e a prática? Sem nenhuma dúvida, a prática homeopática deve ser recolocada em debate. Com toda a força e radicalidade que merece.

Mas, neste caso, há que se produzir maciçamente – isto é, editar o que já é produzido – o que se constrói na prática. Especialmente na prática unicista. Por isso demos ênfase, no último número, aos relatos de casos (*case reports*), tão raros em nosso meio, editorialmente falando. Pois até hoje não há, nem nunca houve, uma literatura da prática da teoria.

Enquanto dormitamos, o *gap* entre teoria e prática vai continuar atormentando os estudantes de homeopatia. Ora com os fantasmas de doutrinas inquestionáveis, ora com as reduções absurdas de praxe.

Será possível criar algo realmente novo?

O que desejamos é que se fundamentem os pontos de aplicação da teoria – tão enfatizados nos cursos unicistas – mas raramente vivenciados ou mostrados na prática. Pois mesmo os melhores cursos não permitem que os estudantes de homeopatia adquiram a vivência clínica necessária nos espaços ambulatoriais.

A verdade é que somente com certo esforço autodidata o estudante adquire experiência e traquejo na medicina homeopática. Muitos desistem aqui. Outros prosseguem fiando-se nas intuições. Mas ora, as intuições demandam dois pré-requisitos: teoria e técnica bem sedimentadas. Intuições complementam, jamais guiam. Quando guiam, sacrificam os conceitos. São instintos portanto, não intuições.

Alguns poderão argumentar que essa dificuldade de passar da teoria à práxis é inerente à medicina e também ocorre na tradição da biomedicina. E isso não é menos verdadeiro. Mas há uma importantíssima diferença que merece menção: ali abundam manuais técnicos, vasto material didático e de apoio, além de uma série de instrumentos tecnológicos que permitem que essa seja uma tarefa menos angustiante e, sobretudo, menos solitária. O que absolutamente não procede com a homeopatia.

O homeopata tem que se conformar em treinar literalmente em “brechas”. Alguns cavam lacunas em sua clínica diária. Os neófitos dependem de pacientes que aceitam migrar para a homeopatia. Muitos experimentam, timidamente, em espaços de postos e ambulatorios públicos e convênios onde nem sempre o atendimento pode ser semi tecnicamente adequado. Quicá com a proximidade de uma residência médica em homeopatia, com a expansão do atendimento e novos lugares e condições apropriadas ao treinamento, esse quadro possa ser amenizado, ainda que certamente não será revertido. A homeopatia ainda precisa aprender a casar sua prática essencialmente ambulatorial com a reentrada no sistema hospitalocêntrico; pois experiências anteriores não planejadas produziram tanto frustração como desserviço ao movimento homeopático.

E qual é, afinal, o verdadeiro diagnóstico? Presumimos que sob estas condições não pode haver acúmulo crítico nem densidade de atendimentos supervisionados. O que nos leva a concluir que o iniciante quase sempre começa a clínica em condições precárias. Vale dizer, muito precárias.

Como já não há mais grandes mestres, resta-nos a opção de produzir mais recursos didáticos, direcionados para o unicista, mas não só a ele. Aliás, precisamos redefinir unicismo para além do que se convencionou chamar de “homeopatia clássica”; pode muito bem passar a ser toda técnica homeopática cuja finalidade seja o enfoque vitalista centrado nos cuidados com o sujeito.

Sabemos apenas que a maturidade é sempre provisória. Sempre vai haver muito mais para ser escrito, repensado e retificado. Deixemos que a rigidez cientificista assole os que já se deram por satisfeitos. Nós somos daqueles que acreditam que ousadia e criatividade devem embeber ininterruptamente os que pesquisam. E, adivinhem, ainda estamos bem sedentos.